



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A construção cotidiana de greves em uma universidade brasileira

André Dias Mortari

andre.mortari@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

Maria Ceci Misoczky

maria.ceci@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

O ano de 2016 foi marcado por um importante ciclo de protestos em oposição ao governo que usurpou o poder após o golpe parlamentar concretizado em 31 de agosto. Entre as diversas ações para implementar o novo pacto se encontram a Emenda Constitucional que congelou por 20 anos os investimentos públicos e a Reforma do Ensino Médio, que restringe a oferta de disciplinas como filosofia e sociologia, elimina o espanhol e permite que professores sem a devida qualificação ensinem em programas tecnológicos. Essas medidas geraram mobilizações de oposição em todo o país. As ações coletivas organizadas em instituições de ensino foram muito expressivas, já que tais medidas têm importante impacto adverso sobre a educação. Assim, uma onda de ocupações estudantis tomou conta de escolas, universidades e institutos tecnológicos. Provocados pelo exemplo da mobilização estudantil, técnicos e docentes da maioria das instituições federais de ensino superior deflagraram suas greves. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a greve dos técnicos durou 44 dias, e a dos docentes 21. Esse é o contexto que gerou este artigo, no qual assumimos a defesa que Lefebvre (2014) faz do cotidiano como categoria de análise e do marxismo também como conhecimento crítico da vida cotidiana. A experiência concreta da realidade, o 'vivido', representa o mundo percebido, a focalização da consciência em uma prática. Seu contraponto dialético é o 'vivendo', a virtualidade projetada, fruto das expectativas de um futuro desejado (LEFEBVRE, 2014). O estudo da greve, através da vida cotidiana – este lugar de transição, encontros interações e conflitos -, permite compreender sua construção desde baixo, a partir do vivido e do vivendo, do individual e do coletivo. Com base neste referencial, analisamos a construção cotidiana das greves de técnicos e docentes ocorridas na UFRGS no final de 2016. Esse estudo se define como pesquisa militante, já que participamos ativamente deste processo (um técnico e uma docente) e nos encontrávamos neste espaço que não é puro ativismo nem pura investigação (BOOKCHIN et al., 2013). No texto, abordamos as práticas cotidianas de sustentação das greves. Além disto, destacamos as ações e práticas que suspendiam a repetição e desafiavam a alienação a partir da coesão que brota da tomada de consciência das possibilidades que o coletivo constrói ao se organizar para tentar mudar a realidade com a qual se confronta.

Palavras chave: Greve. Vida cotidiana. Henry Lefebvre.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Considero, inicialmente, que todo trabalhador segue, no desempenho de sua rotina de trabalho, uma lógica constituída por padrões e fluxos definidos. Acordar todo dia, dirigir-se ao local de trabalho, executar suas tarefas, voltar para casa e ao final do mês receber seu salário, ou seja, vender sua força de trabalho é uma rotina naturalizada para a maioria dos trabalhadores. O desempenho rotineiro das atividades se torna, então, a fonte das experiências sociais concretas do trabalhador. Baseando-se nelas e em suas representações e simbolizações, ele constitui sua noção da realidade que, por sua vez, está recheada de ilusões e dissimulações que o privam da consciência sobre as contradições próprias do sistema em que vive. Em seu fazer diário, o trabalhador não se dá conta de que essa realidade é, também, criada por ele¹:

E isso é precisamente o que a alienação humana consiste – o homem dividido de si mesmo, da natureza, da sua própria natureza, da sua consciência, arrastado para baixo e desumanizado pelos seus próprios produtos sociais. [...] A sociedade torna-se um mecanismo e um organismo que deixa de ser compreensível para as pessoas que dele participam e que mantém através de seu trabalho. Os homens são o que fazem, e pensam de acordo com o que são. E ainda assim, eles são ignorantes do que fazem e do que são. Suas próprias obras e sua própria realidade estão fora de seu alcance (LEFEBVRE, 1991a, p. 180).

Durante o ano de 2016, vários acontecimentos movimentaram o cotidiano dos trabalhadores de todo o Brasil. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, técnicos-administrativos em educação e docentes deflagraram greves em protesto contra a PEC do Fim do Mundo que congelou por 20 anos os investimentos públicos em saúde e educação e a Reforma do Ensino Médio, que restringe a oferta de disciplinas como filosofia e sociologia, elimina o espanhol e permite que professores sem a devida qualificação ensinem em programas tecnológicos. Junto ao movimento dos trabalhadores, uma onda de ocupações estudantis rompeu com a “normalidade” do cotidiano, paralisando, em grande medida, a rotina burocrática das instituições de ensino, trazendo formas alternativas de vivência e aprendizado dentro desses espaços.

Este artigo busca compreender em que sentido a vida cotidiana dos técnicos-administrativos e docentes da UFRGS foi transformado em meio a construção cotidiana das greves. Esse estudo se

1 Todas as Traduções de textos de Henri Lefebvre são nossas.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

define como pesquisa militante, já que participamos ativamente deste processo (um técnico e uma docente) e nos encontrávamos neste espaço que não é puro ativismo nem pura investigação (BOOKCHIN et al., 2013). Esse é o contexto que gerou este artigo, no qual assumimos a defesa que Lefebvre (2014) faz do cotidiano como categoria de análise e do marxismo também como conhecimento crítico da vida cotidiana.

A vida cotidiana está profundamente relacionada a todas as atividades, e engloba todas as suas diferenças e conflitos; é o seu lugar de reunião, a sua ligação, a sua base comum. É na vida cotidiana que somam-se todas as relações que fazem o ser humano - e todo ser humano - um todo que forma e é formado. Nele se expressam e cumprem essas relações que põem em jogo a totalidade do real, embora com uma certa maneira que é sempre parcial e incompleto: amizade, companheirismo, amor, a necessidade de comunicar, jogar, etc. (LEFEBVRE, 1991a, p. 97).

Para realizar a pesquisa, realizei entrevistas com técnicos-administrativos e docentes da UFRGS entre janeiro e junho de 2017 e seguiram um roteiro, foram gravadas e integralmente transcritas. O tratamento foi dialógico-interpretativo, articulando minhas memórias, as declarações dos entrevistados e o referencial lefebvriano sobre a vida cotidiana. Para isso, foi elaborado um plano de análise. Trata-se, portanto, de um estudo no qual se conectam ativismo e teoria, resultando em significados inseparáveis da própria luta que o inspirou. Como cautela a identidade dos entrevistados

Para adotar o referencial Lefebvriano na análise da construção cotidiana das greves, é preciso ter em mente uma forma de reflexão, na qual conceitos como trabalho e repouso, férias e cotidiano, só fazem sentido se contrapostos. Ao negar a lógica estruturalista que analisa cada fragmento de modo isolado, é possível compreender a dinâmica que rege a realidade a partir de uma visão totalizante da sociedade (LEFEBVRE, 2014). Em razão disso, a greve precisa ser analisada em conjunto com seu contraponto, a vida cotidiana regular do trabalhador, estabelecendo as relação existentes que ora negam e ora reproduzem sua lógica.

Lefebvre (2002, p. 219) indica que:

Fora dos períodos críticos (quando alguma coisa problemática tem mais importância do que a estabilidade adquirida, quando a conjuntura desmonta a estrutura², quando a estratégia leva à ascendência e quando a necessidade de escolher se torna aparente e marca um

2 Segundo Lefebvre (2014, p. 305), estrutura é “[...] um equilíbrio precário entre forças opostas de estabilização momentânea e revolução”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

momento de bifurcação no processo de desenvolvimento e transformação social), os grupos humanos vivem em modo de ambiguidade.

Lefebvre (2002) defende que a vida cotidiana é o terreno das mistificações, ideologias e representações. A falta de clareza a respeito de como o ser humano vive e se relaciona é o que permite a manutenção de relações contraditórias. A ação passiva em relação a elas não se dá por aceitação ou concordância, mas pela não compreensão de sua existência. Nesse sentido, viver em ambiguidade não é uma escolha, mas a falta de saber que existem escolhas a fazer.

Lefebvre (2002, p. 219) explica que na busca de conforto, as pessoas desdramatizam suas relações e comportam-se de maneira ambígua:

“Assim, os dramas desaparecem, a tragédia do todo é obscurecida por uma comédia de pequenos detalhes. Porque nada de vital está em jogo, tudo é feito de maneira ponderada ou irreverente. As relações entre os próprios grupos, tornam-se desdramatizadas. Elas oscilam entre atitudes intermitentes e opiniões vazias: inveja, ciúmes, pactos e disputas, cerimônias que servem para disfarçar a rivalidade ou a admiração mútua. Em vez de paixão, há uma imparcialidade (ilusória) e uma objetividade (enganosa). Representações triviais são suficientes. Qualquer coisa contenciosa é empurrada para o lado, embora isso não a neutralize. As pessoas falam sobre coisas tão pequenas quanto possível e a propagação da banalidade não é controlada. O domínio da ambiguidade também é o real da trivialidade cotidiana. Em cada momento, os elementos do vivido e do viver parecem dividir-se e seguir seus caminhos separados: grupos dentro da sociedade, indivíduos dentro de grupos, padrões de comportamento dentro dos indivíduos.”

Em consequência, cria-se um “conflito profundo e permanente que nunca pode atingir o clímax, ou seja, nunca pode se tornar o tipo de antagonismo explícito que põe em risco a sociedade”. Assim, o conflito “permanece em estado de ambiguidade: uma contradição embotada, sempre reavivada e sempre sufocada” (LEFEBVRE, 2002, p. 222).

Se, por um lado, a ambiguidade é a situação regular em que a vida cotidiana se desenvolve, a tomada de consciência acerca de uma situação contraditória traz consigo a revelação das possibilidades que a ação constrói.

No momento em que os técnicos e docentes paralisaram suas atividades e deflagraram as greves, decidiram. Nesse sentido, segundo os relatos³, o principal elemento de ruptura com a ambiguidade para aqueles que aderiram ao movimento está relacionado à decisão de agir frente à

3 Ainda que os entrevistados não tenham solicitado anonimato, considere prudente não identificá-los. Assim, os TAEs estão codificados como T1, T2, T3, T4; e os docentes como D1, D2, D3. Além disso, removi qualquer expressão que indique identificação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

situação que se colocava, expressando a conscientização de que se é parte ativa no mundo, podendo mudar, somar e influir. É a decisão de participar ativamente da política, das decisões, de reconhecer-se como ator no processo de desenvolvimento histórico da humanidade. A partir disso, possibilidades se abrem. Entre elas, a possibilidade de fazer greve, posicionar-se contra a PEC, apoiar as ocupações e levar os debates políticos para o cotidiano da categoria.

Algumas práticas em que o trabalhador se envolve fortalecem a noção de que ele é parte ativa na construção da sociedade. Para T3, os espaços construídos durante as greves são o

“[...] mais próximo da democracia que a gente pode fazer, então eles certamente eles representam uma ruptura muito grande com o teu dia a dia de trabalho, até, digamos assim, a gente não tá acostumado a ter esse, esse espaço, a produzir uma coisa que de fato nos represente, então, claro, no trabalho a gente questiona, critica e fica reclamando e tal e o trabalho nunca vai deixar de ser isso, pelo menos enquanto não muda a sociedade como um todo, então na, no movimento eu acredito que esse questionamento essa crítica ela ah, tem a possibilidade de se transformar de fato numa mudança de ação. [...] acho que nós vivemos de fato nesses momentos, ah, espaços abertos, democráticos, que tu vai ganhar, vai perder, mas vai poder de fato colocar as questões que te incomodam, então isso é uma coisa mais geral do movimento, eu acho que a gente é pouco acostumado a ter esses espaços, então nós não sabemos muito como lidar com eles, então eu considero assim, que hoje eu teria condições de participar ativamente desses ambientes porque eu já tenho 5 greves no currículo, mas no início eu não sabia me localizar nesse espaço, porque eu não sou acostumado, ninguém é treinado a ter liberdade.”

Para T3, na greve é possível produzir algo genuíno, que parte do questionamento, da crítica. Assim, a greve surge como um momento em que se pratica a ação em interesse próprio, em que se ganha uma certa liberdade com a qual aos poucos se vai aprendendo a lidar. O trabalhador adquire consciência de sua situação perante o mundo e passa a agir sabendo disso. A experiência da greve se torna um aprendizado em que “tu aprende a partir do exemplo dos outros, claro tu vai ler, tu vai tentar reconhece, se reconhecer no mundo e tal, mas é, sem vivenciar uma prática como essa tu não tem como saber como é que ela funciona”.

O cotidiano de um trabalhador da Universidade é caracterizada pelo exercício de atividades que variam conforme o local de trabalho e a área de atuação. Embora algumas atividades sejam comuns a todos, como a participação em colegiados, o núcleo das experiências cotidianas dos trabalhadores está ligado a outras atividades: para os TAEs são as atividades demandadas pelo setor em que estão lotados, como secretaria acadêmica, biblioteca, setor de patrimônio, setor de compras,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

informática, laboratório, assessoria de imprensa; os docentes especializam-se em uma área do conhecimento e a partir dela realizam atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ao desenvolver essas atividades, a consciência desses trabalhadores não só parte dos problemas que se apresentam na vida cotidiana, mas também das soluções encontradas para eles. Ela é a busca das possibilidades que esses problemas indicam. Em consequência, o foco do trabalhador atinge um pequeno fragmento da totalidade, impedindo-o de perceber as contradições do sistema que se reproduzem em sua vida cotidiana. Com isso, a atitude pacífica em relação as regras e lógicas do sistema estabilizam a vida cotidiana na estrutura existente, é quando a banalidade e a trivialidade dominam.

Apesar disso, Lefebvre (2002) afirma que em fases de tensão e agitação social a vida cotidiana é suspensa ou transformada, representando os momentos em que o ser humano encara as contradições do sistema e escreve sua história de forma consciente. É quando ocorre a conscientização sobre um problema que a consciência se eleva em relação aos fragmentos isolados e revela possibilidades de ação. Lefebvre (2002, p. 260) explica que “os interessados veem os problemas decorrentes do processo de tornar-se, e no que esses problemas trazem veem as ações que podem modificá-los. Ao tornar os problemas reais, eles resolvem o conflito estabelecendo uma unidade superior”. Além da luta contra a PEC do Fim do Mundo, diversas outras razões fizeram com que os trabalhadores agissem. A greve foi o caminho que o cotidiano revelou possível para resolver esses problemas.

A suspensão que se deu na vida cotidiana da Universidade atingiu a estrutura, interrompeu sua continuidade, a ordem se desestabilizou e diversas questões que se mantinham em uma zona nebulosa do cotidiano tiveram que ser enfrentadas. A disposição para agir surge quando o desejo de mudança supera a comodidade adquirida pela estabilidade. Lefebvre (2002, p. 348) explica que “a necessidade de escolher se torna aparente e marca um momento de bifurcação no processo de desenvolvimento e transformação social”. A partir disso, o momento revela todo o descontentamento e contrariedade em relação ao modo de vida com que se convivia pacificamente, apesar das contradições. Por isso, ele a recusa, e, ao mesmo tempo, cria o novo.

Ao comentar o impacto da greve na vida cotidiana de sua unidade, após o encerramento do movimento, D1 explica que algumas práticas realizadas durante a construção da greve como o “tipo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de discussão horizontal em assembleia”, os docentes tentaram “trazer para dentro das decisões da unidade, e os alunos também, técnicos e terceirizados quando possível”. Com isso, D1 afirma que o “momento da greve serviu muito para a gente reganhar a confiança no sindicato. Muitos dos colegas se filiaram ao sindicato nessa época, eu inclusive não era membro, passei a ser, e essas atividades continuam, o pessoal continua mobilizado”. Mas, ao mesmo tempo, D1 relata que “por problemas pessoais na família e excesso de trabalho” não está conseguindo participar, embora veja “esse desejo de participação contínua e, também, esse desejo de ter uma unidade mais horizontal, mais, participando todos”.

Nesse sentido, a greve foi uma ação que contestou as regras e lógicas da vida cotidiana a partir do enfrentamento às suas contradições. Em contrapartida, a greve, como um momento, foi contestada pela vida cotidiana através das suas fatalidades. O momento quer manter-se, quer ser um todo, quer perpetuar-se e atingir o absoluto, porém ele não pode, e diante das fatalidades da vida cotidiana ele se exaure no ato de ser vivido (LEFEBVRE, 2002). Para T3, durante a greve, os trabalhadores vão o mais longe que conseguem ir em suas ambições de mudança. Conforme relatado no item Ambiguidade, T3 entende que os espaços construídos são os “mais próximos da democracia que a gente pode fazer” enquanto a sociedade não “mudar como um todo”, então, “no movimento, eu acredito que esse questionamento, essa crítica, ela tem a possibilidade de se transformar de fato numa mudança de ação”.

T1 afirma que as atividades da greve quebram com o cotidiano do trabalhador, ela dá uma “perspectiva que sai daquela névoa do cotidiano, daquela questão da aparência”. Com isso, a greve diferencia-se do cotidiano normal de trabalho por ser um momento de conscientização, de quebra da ambiguidade que se transforma em ação. A revelação que a greve opera no cotidiano do trabalhador está relacionado, ao olhar para a realidade de forma ampla, abandonando as atividades rotineiras em que o trabalhador se foca em uma visão estreita da realidade, em resolver seus problemas mais imediatos e distantes do conjunto geral da sociedade. O resultado é que os debates políticos se tornam próximos do trabalhador, sua visão do mundo é ampliada. Como afirma T1, “quando tu abre um debate ou tu faz uma construção política, tu sai daquele ambiente, e tu faz uma visão do todo”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Para toda ruptura corresponde uma criação e, a partir desse processo, uma descontinuidade é realizada na vida cotidiana. D1 explica que sua unidade é um “lugar em que costumam as decisões serem sempre verticais, é uma pessoa que diz assim e pronto e os outros tem que seguir”. Porém, com as ocupações e as greves, “de repente, os alunos começaram a não aceitar aquele tipo de hierarquia vertical né, eles começaram a querer uma hierarquia mais horizontal” e, com isso, questionaram o antigo modelo de debates e tomadas de decisão e, ao mesmo tempo, construíram algo diferente:

O convívio com os colegas em meio ao clima de agitação gerado pelas greves e ocupações estudantis despertou relações sociais que se mantiveram após o movimento. A greve reestabeleceu a socialização no cotidiano, o convívio em torno do que é comum, dos objetivos comuns. Por isso, a forma como essas relações foram construídas contrastou com as relações baseadas em temas profissionais em detrimento dos pessoais. Para exemplificar, D1 explica que “tinha poucos colegas aqui com quem eu conversava”, mas, de repente passou a conhecer todo mundo. Para ele, o movimento serviu “para estreitar as relações pessoais entre nós e serviu para aproximar. Todo mundo da unidade passou a ser pessoas, deixou de ser profissionais, amigos dentro de um mesmo local de trabalho”. T4 destaca que o envolvimento na greve “fortalece o coletivo”, e sempre se faz, em uma greve, “vários amigos, vários companheiros de luta”. Já T2 afirma que, durante a greve, mesmo quando não “tem atividade, tu acaba se socializando mais, enfim, e discutindo, e conhecendo melhor os colegas, enfim. Acho que isso é bem importante, acho que é uma das coisas que a greve trás”, contudo nem só amizades são feitas, os “relacionamentos de greve que tu abarca, eles são mais, mais pessoais, na verdade né, pro bem e pro mal”. Para D3, houve uma mudança significativa no trato com seus colegas, pois “as vezes, os professores de um curso e outro não se conhecem, eu conheci muita gente ali nesse período, alguns professores das outras áreas se tornaram meus amigos nesse período”.

Mudanças como essas rompem com o individualismo, e isso se manifesta nas relações com os colegas, com as pessoas de outros segmentos e com a própria sociedade. No que diz respeito à interação entre estudantes, docentes e TAEs, muitas transformações ocorreram. Grevistas e estudantes deixaram o isolamento de lado e buscaram romper com as hierarquias e divisões,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

visando construir um ambiente livre de relações mecanizadas e impessoais. Não havia chefias, coordenadores, orientadores e subordinados, apenas sujeitos lutando por uma causa comum. Não se trabalhava para cumprir um dever profissional, mas para construir uma realidade que, de fato, representasse os interesses dessas pessoas. Nesse sentido, T3 afirma que houve uma “troca de informações grande entre os comandos de greve, tanto dos funcionários quanto professores com os estudantes das ocupações”. Em algumas atividades, a organização foi realizada com a participação dos três segmentos, rompendo, ainda que parcialmente, com a fragmentação da luta e resultando, segundo T3, em “um ato importante, assim positivo, que aponta, assim, para a necessidade da unidade das categorias da Universidade em torno da defesa do próprio interesse da Universidade”.

Com essas mudanças houve, segundo D1, um movimento de retorno à condição natural de existência do ser humano. Isso não representava uma ruptura da vida cotidiana, mas a sua reconstrução, já que a gente vive em uma quebra continua:

“Isso é uma questão interessante, durante a ocupação, a gente teve uma das atividades de conversa, com um dos meus colegas, ele falou algo nesse sentido que eu achei que foi muito marcante. Ele falou, justamente, muitas vezes as pessoas falam que a greve rompe com o cotidiano, mas que ele via de outra forma. Ele via que o trabalho é que rompia com o cotidiano. Trabalhando aqui a gente deixava um monte de coisa, deixava de conversar com os outros, de, realmente, interagir e existir um com o outro, de uma forma mais natural, e que a greve não é o rompimento da vida, o trabalho que é o rompimento da vida, e quando a gente para tudo, para de trabalhar é que a gente está se reintegrando no curso natural das coisas de agir com os outros, e conversar e atuar de uma forma que seria não de ruptura.”

Dessa forma, os trabalhadores, aos poucos, rompem com o isolamento a que são submetidos ao focar suas atenções na execução de suas tarefas cotidianas do trabalho formal. Ao mesmo tempo, rompem com a parcialidade de sua visão de mundo, o que se dá a partir do contato com colegas de outras áreas de atuação, como explica D2:

“[...] acho que outra coisa que muda muito para nós nesse quadro da greve é que tu conversa com pessoas de outras áreas. Então as pessoas começam a perguntar, tem uma colega lá das biociências e ela trabalha com borboletas, então conhecer alguém que estuda borboletas, se não fosse a greve eu não iria perguntar, eu não sei, saber que tem alguém que estuda borboletas aqui na região de Porto Alegre, [...]. Aí eu estou em contato com a outra que estuda espanhol e está fazendo a luta para que continue tendo espanhol nas salas de aula, então tu começa a ter um contato com pessoas que têm outras atividades, isso é bárbaro.”

Já D1 se disse um pouco chateado com a atitude de alguns colegas, pois:



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“[...] a gente discutía ideias entre si, planejava, mas outros acabavam indo fazer o que dava na telha e não participavam da construção que havia sido debatida conjuntamente, e isso foi um pouco chato, assim, porque, nós, no comando de greve, nós éramos poucos, uma dúzia, 20 no máximo, e eram aqueles que estavam agindo mais intensamente na construção da coisa, se você tem dois ou três que não estão participando das coisas das decisões do todo, isso enfraquece bastante, então, acho que nesse sentido foi mais, acho que isso, de resto o grupo é bastante coeso.”

Ele afirma, ainda, que as greves e ocupações inspiraram algumas mudanças em sua unidade, como o método de debate nas instâncias decisórias. D3 afirma que em sua unidade buscou-se trazer uma lógica “mais democrática, mais aberta, abrir o debate, por exemplo, o nosso chefe de departamento queria abrir debates para a plenária, coisa que o colegiado decide”.

A ação que tais rupturas desencadeiam tornam-se inconsequentes no processo de transformação social se não forem objeto de estratégia e táticas desses grupos a fim de explorar da melhor forma as possibilidades abertas. Assim, os grupos sociais podem firmar-se como operadores da transformação social a partir da descontinuidade gerada em sua vida cotidiana.

Se a consciência do ser humano parte do conjunto de experiências que ele realiza em sua vida cotidiana. Ao interromper as atividades da rotina de trabalho e envolver-se na construção de um movimento grevista, as novas práticas, conflitos, problemas e solução desses problemas se constituem em um novo ponto de partida que propicia o movimento da consciência. Além disso, a ação que resulta desse processo é mediada pelas representações, interações, conflitos e ideologias presentes na vida cotidiana.

Um primeiro aspecto que se apresenta para diferenciar as práticas no ambiente de trabalho das ocorridas durante a greve é que a greve é um movimento essencialmente coletivo e, como tal, sua essência está na solidariedade. Assim, ao tomar para si as realidades empíricas e práticas que envolvem a categoria, o trabalhador expande seu campo de atuação e passa a articular seus projetos de futuro a partir desse grupo social e das experiências que nele vivencia. As práticas trazidas pelas greves e ocupações fizeram com que TAEs e docentes projetassem seu futuro com base nelas, D3 comenta que “a ideia que a gente tinha é que nada iria poder voltar a ser como era antes né”, que “terminando a ocupação não teria como voltar ao mesmo esquema de aula, nós tinha que de alguma forma adaptar o nosso dia a dia para aquilo que a gente estava vivendo ali. De alguma forma aquilo tinha que passar a estar presente também depois da ocupação”.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Lefebvre (2002, p. 216) explica que o viver representa a virtualidade projetada, é a expectativa criada no âmbito do vivido que nos mantém em movimento, buscando algo, projetando, desejando. Aquilo que o ser humano entende como possível e dedica-se a buscar está dialeticamente ligado àquilo que vivencia nas práticas e experiências da vida cotidiana, ou seja, no vivido.

A análise da construção cotidiana da greve a partir do conjunto teórico elaborado por Lefebvre, revela um terreno fértil em que o velho e o novo interagem e movimentam a história do homem. Para Lefebvre (2014, p. 838), “o sujeito está sendo construído”, afinal, o fruto do trabalho, a produção, “[...] não se reduz à fabricação de produtos [...] ela designa também a produção do 'ser humano' por si mesmo, no decorrer do seu desenvolvimento histórico. Isso implica a produção de relações sociais” (LEFEBVRE, 1991b, p. 37).

Para finalizar, lembro que para analisar a construção cotidiana das greves ocorridas na UFRGS no final de 2016, foi preciso ter em mente uma forma de reflexão na qual conceitos como trabalho e repouso, férias e cotidiano, passividade e momento, greve e relações de trabalho capitalistas (exploração da força de trabalho) só fazem sentido se contrapostos. Ao negar a lógica estruturalista que analisa cada fragmento de modo isolado, é possível compreender a dinâmica que rege a realidade a partir de uma visão totalizante da sociedade (LEFEBVRE, 2014). A greve é um produto do sistema, nasce de suas contradições e, portanto, sua construção cotidiana precisa ser analisada em conjunto com seu contraponto, a vida cotidiana regular do trabalhador, estabelecendo as relação existentes que ora negam e ora reproduzem sua lógica. Ao estabelecer esse tipo de análise, ficamos impedidos de definir o sucesso ou fracasso de uma greve a partir dos resultados que ela alcançou. Embora o tema da pesquisa seja a construção cotidiana da greve e não a greve em si, isso ilustra de que forma devemos analisá-la: A greve é um processo de transformação social, seu ponto de partida é a realidade material de cada trabalhador e é a partir dela que as mudanças emergem, da situação anterior à deflagração da greve. Assim, para entender quais transformações podem ocorrer na vida cotidiana dos grevistas, precisamos entender tanto de onde sua vida cotidiana parte (vivendo) como para onde elas planeja ir (viver).

Durante a construção cotidiana das greves, os processos de escolha transformaram a rotina mecanizada de trabalho em uma luta social organizada, na qual agimos e nos posicionamos como



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

coletivos. Essa mudança atingiu a alienação decorrente da falta de contato entre a prática individual e o caráter social do trabalho. Assim, a construção da greve faz uma crítica ao individualismo, à hierarquização e à alienação presentes nas relações capitalistas de trabalho.

Ao mesmo tempo em que os trabalhadores iniciaram a construção das greves, passaram a viver os problemas que o processo de tornar-se enfrenta. Em contrapartida, passaram a ver a saída desses problemas simplificando a situação (insolúvel apenas pelo esforço do pensamento) em uma unidade superior que só encontra solução no âmbito da vida cotidiana, que é o caminho e o objeto da transformação. Nesse processo, a consciência dos trabalhadores se forma a partir da busca da possibilidade que esses problemas indicam. Em meio à necessidade de agir em direção a essa possibilidade, ocorrem transições e mediações entre o repetitivo e o criativo, resultando em algo novo que se confunde, em meio ao caos do cotidiano, com as regras e lógicas que sustentam o sistema. Assim, em meio ao processo de desalienação, novas alienações são criadas. Logo, não houve uma crítica radical ao sistema, mas elementos que o contestaram e pressionaram, convivendo com outros que se submeteram a ele e o reproduziram. Embora o movimento da consciência nunca recue, com o retorno ao trabalho e o restabelecimento do cotidiano, muitas mudanças regrediram. Nesse sentido, fui levado a refletir sobre até que ponto o acúmulo de consciência permanece nos trabalhadores ao retornar ao trabalho. Se a consciência dos trabalhadores é formada pelas condições materiais experimentadas na vida cotidiana, na resolução dos pequenos problemas e afazeres, ao retornar as atividades do cotidiano normal de trabalho é esperado que se abandone muitas das mudanças realizadas. Apesar disso, viver a experiência de construir a greve ampliou o horizontes de possibilidades dos trabalhadores, afinal, depois de se saber de algo, não se pode deixar de saber, é possível entrar em nova ambiguidade, em representações e armadilhas mentais voltadas a evitar os conflitos e o desconforto que o processo de mudança traz.

O momento da greve revela, aos trabalhadores, possibilidades de mudança dentro das reais condições em que esse processo se dá. Nesse sentido, as essências e poderes contidas nesse momento precisam ser explorados garantindo, assim, que seu potencial transformador gere consequências e amplie as possibilidades de ação.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Bibliografía

BOOKCHIN, N. et al. . Militant Reserch Handbook. dbook. http://www.visualculturenow.org/wp-content/uploads/2013/09/MRH_Web.pdf.

LEFEBVRE, Henry. **Critique of everyday life**. V. 1. London: Verso, 1991a.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991b.

_____. **Critique of everyday life: Foundations for a sociology of the everyday**. V. 2. London: Verso, 2002.

_____. **Critique of daily life**. London: Verso, 2014.